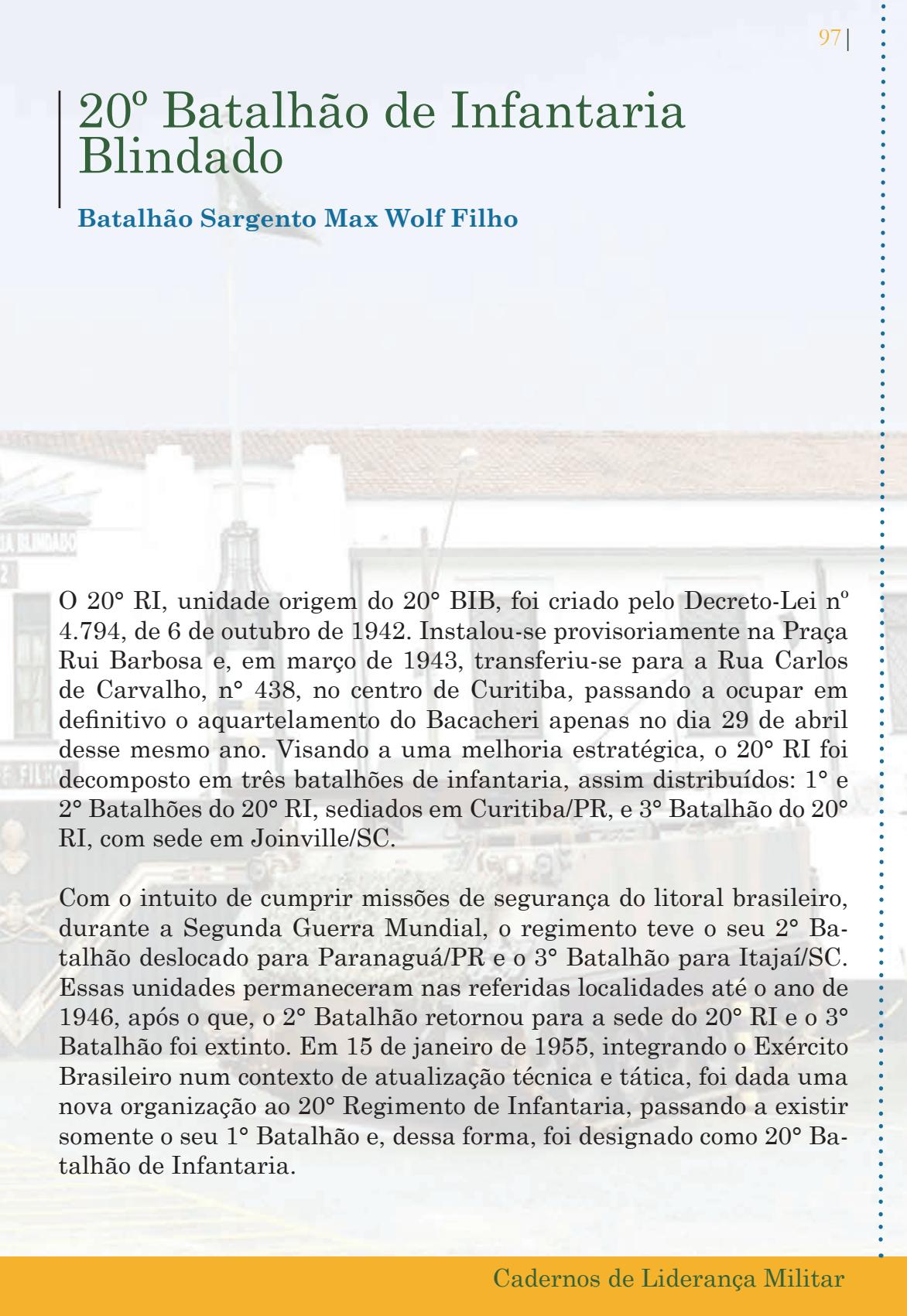


20º Batalhão de Infantaria Blindado

Batalhão Sargento Max Wolf Filho



O 20º RI, unidade origem do 20º BIB, foi criado pelo Decreto-Lei nº 4.794, de 6 de outubro de 1942. Instalou-se provisoriamente na Praça Rui Barbosa e, em março de 1943, transferiu-se para a Rua Carlos de Carvalho, nº 438, no centro de Curitiba, passando a ocupar em definitivo o aquartelamento do Bacacheri apenas no dia 29 de abril desse mesmo ano. Visando a uma melhoria estratégica, o 20º RI foi decomposto em três batalhões de infantaria, assim distribuídos: 1º e 2º Batalhões do 20º RI, sediados em Curitiba/PR, e 3º Batalhão do 20º RI, com sede em Joinville/SC.

Com o intuito de cumprir missões de segurança do litoral brasileiro, durante a Segunda Guerra Mundial, o regimento teve o seu 2º Batalhão deslocado para Paranaguá/PR e o 3º Batalhão para Itajaí/SC. Essas unidades permaneceram nas referidas localidades até o ano de 1946, após o que, o 2º Batalhão retornou para a sede do 20º RI e o 3º Batalhão foi extinto. Em 15 de janeiro de 1955, integrando o Exército Brasileiro num contexto de atualização técnica e tática, foi dada uma nova organização ao 20º Regimento de Infantaria, passando a existir somente o seu 1º Batalhão e, dessa forma, foi designado como 20º Batalhão de Infantaria.



EXÉRCITO BRASILEIRO
20º BATALHÃO DE INFANTARIA BLINDADO
“Batalhão Sargento Max Wolff Filho”



PAVILHÃO 2º Sargento MAX WOLFF FILHO

Classe 1912 / 11º Regimento de Infantaria.

Natural de Rio Negro, no estado do Paraná, filho de Max Wolff e Etelvina Pacheco.

Embarcou para além-mar em 20 de setembro de 1944, falecendo em ação no dia 12 de abril de 1945, em Maserno, Itália.

Foi sepultado no Cemitério Militar Brasileiro de Pistoia, sendo seus restos mortais transferidos para o Brasil em 1960.

Foi agraciado com as Medalhas de Campanha, Sangue do Brasil, "Bronze Star" (Estados Unidos da América) e Cruz de Combate de 1º Classe. No decreto que lhe concedeu esta última condecoração, lê-se:

“No dia 12 de dezembro de 1944, durante o ataque de sua Unidade em Bombiana, Itália, o sargento Wolff demonstrou grande intrepidez e elevado espírito ofensivo. Tendo conhecimento que vários de seus camaradas jaziam feridos na “terra de ninguém” ofereceu-se voluntariamente para comandar uma patrulha, a fim de evacuar os feridos. Todos os padoleiros não puderam apanhar os feridos acima referidos, em virtude do intenso fogo inimigo. O sargento Wolff, apesar da escuridão e do nevoeiro, seguiu com sua patrulha para a “terra de ninguém” e conseguiu, com dificuldade, carregar os feridos para as nossas linhas. Muitas vezes o sargento Wolff, agindo como voluntário, tem cumprido perigosíssimas missões no comando de patrulhas, tendo sido sempre bem sucedido. O sargento Wolff tem constituído sempre um belo exemplo para os seus camaradas”.



Referência: “OS MORTOS DA FEB” - MINISTÉRIO DA GUERRA - BOLETIM ESPECIAL DO EXÉRCITO, de 2 de dezembro de 1946

“

A participação do 20º RI contra as nações do Eixo foi mais além da defesa do litoral brasileiro. Houve o envio de um significativo contingente para a Força Expedicionária Brasileira (FEB), composto de 380 (trezentos e oitenta) homens, que seguiram para compor as tropas da linha de frente, divididos no seguinte escalonamento: 179 (cento e setenta e nove) militares em abril de 1944; 111 (cento e onze) em maio de 1944; e 90 (noventa) em novembro de 1944.

No primeiro contingente, integrando o 6º RI, seguiu o soldado Constantino Marochi, natural de Campo Largo/PR, que foi o primeiro brasileiro a tomar nos campos de batalha da Itália, em 21 de setembro de 1944. Destacam-se nessa campanha os seguintes heróis, que emprestam hoje seus nomes aos pavilhões e também à própria unidade: 1º Ten Inf José Maria Pinto Duarte; 2º Ten Inf Ary Rauen; 3º Sgt Inf Max Wolf Filho; Cb Inf João Fagundes Machado; Sd Inf Estanislau Woycike e Sd Inf José Domingues Pereira.

”



2º Ten Inf Ary Rauen

1º Ten Inf
José Maria Pinto Duarte



MISSA POR ALMA

Vigilante - G. Lepel

Max Wolff Filho

As 10 horas

NOMES DOS ASSISTENTES

RESIDENCIAS

Alciso Lanzigão	R
Manoel do Espírito Santo	R. Engenheiro Nazaré, 100
Manoel Mário e Sombra	Brasília, nº 92. Pq.
Belas Associações dos Vigilantes	Setor Leste, 1000.
da Prefeitura do D. Federal	Joaquim Lanza Almeida
Lúcio Lúcio Lúcio Presidente Júlio P. de Magalhães	Floriano Lúpuaúba
Barroso	
Feliciano Grino Pereira	
Joaquim Barroso Soopex	9º S.V.
Israel Matos	Jaras
Quirino Macena	
Leônio Gouveia Souza, 1PV2	



Cb Inf
João Fagundes Machado



Sd Inf
Estanislau Woycike



Sd Inf
José Domingues Pereira

PAVILHÃO SGT MAX WOLFGANG



PAVLHÃO OLF FILHO

BIOTICA







“

Além da Segunda Grande Guerra, o 20º RI tomou parte nas seguintes missões: em junho de 1958, recebeu a missão de incorporar, selecionar e preparar voluntários para o 3º/2º RI (Ba Suez); em 1964, impelido pelos ideais da Revolução Democrática de 1964, atuou na defesa dos órgãos públicos, nas cidades de Curitiba e Paranaguá/PR.

”







Com o reaparelhamento do Exército Brasileiro, em 1972, a unidade absorveu a mais inovadora tecnologia militar existente na época, o blindado, que lhe deu a denominação de 20º Batalhão de Infantaria Blindado. Em 20 de Julho de 1994, passou a ser denominado “BATALHÃO SARGENTO MAX WOLF FILHO”, em homenagem ao militar falecido em combate durante a Segunda Guerra Mundial.

Inicialmente uma unidade composta por três companhias de fuzileiros e uma companhia de apoio, em 2008 foi inaugurada mais uma companhia de fuzileiros, com a finalidade de adequar a OM às características da infantaria blindada.





Em julho de 2010, enviou um contingente de cerca de 80 (oitenta) militares para compor o 14º contingente do Exército Brasileiro no Haiti, atuando naquele país sob os auspícios da Organização das Nações Unidas.

Com a operação de pacificação instaurada nos morros do Alemão e da Penha, na cidade do Rio de Janeiro/RJ, 154 (cento e cinquenta e quatro) militares foram enviados, em maio de 2011 para compor as Unidades de Polícia Pacificadora nesses locais.

Em abril de 2012, o batalhão enviou 69 (sessenta e nove) militares para comporem o 16º contingente da ONU para estabilização da paz no Haiti. Em maio de 2013, novamente o Batalhão Sgt Max Wolf Filho contribuiu para a missão que enverga o nome de MINUSTAH, enviando dessa vez 68 (sessenta e oito) militares para integrarem o 18º contingente.

Em 2014, devido à continuidade do contexto da pacificação estabelecido no Rio de Janeiro, foi enviada, em um primeiro contingente, uma companhia e, depois, um pelotão de fuzileiros para a comunidade da Maré. Esse pleito veio a encerrar a sua participação, com sucesso, em julho de 2015, após o Exército passar o comando das operações no local para a Polícia Militar do Rio de Janeiro.





ENTREVISTA



1º Tenente Edi Carlos Bernadino

Adj Cmdo Ex – maio de 2019 a março de 2022

Maj R1 Edgley Pereira de Paula e Profa. Dra. Débora Duran

TEN
EDI CARLOS





Como teve início sua história profissional no Exército Brasileiro e como chegou a ser adjunto de comando do Exército?

Nasci e cresci no interior do Estado de Santa Catarina e foi na adolescência que despertou, em mim, o interesse em servir ao Exército. Não sou de uma família de militares, porém meu pai serviu, como soldado, e certamente isso me motivou. Confesso que não tinha noção de como era a carreira das armas e, por falta de conhecimento à época, pensava que a única porta de entrada seria o serviço militar obrigatório.

Alistei-me no ano de 1990, na cidade de Blumenau/SC, pois, na cidade de Ilhota/SC, onde morava, os jovens não eram convocados. Ingressei nas fileiras do Exército em 4 de fevereiro de 1991, como soldado, no 23º Batalhão de Infantaria. Naquela organização militar, fui promovido a cabo e terceiro-sargento temporário. No ano de 1994, graduei-me terceiro-sargento de infantaria na Escola de Sargentos das Armas (ESA).

Para tentar responder à pergunta de como cheguei a ser adjunto de comando do Exército, reconheço que sou privilegiado por sempre compor equipes de brilhantes profissionais, oficiais e graduados. Durante minha carreira, muito mais aprendi do que ensinei, muito mais recebi do que pude dar. Aproveito a oportunidade para externar, nesta entrevista, minha sincera gratidão aos inúmeros exemplos de liderança que tive durante minha trajetória como integrante do invicto Exército de Caxias. Foram os exemplos de profissionalismo que me conduziram ao cargo de adjunto de comando do Exército.

Ao assumir a função, logo percebi que não se tratava apenas de uma distinção. Recebi a mais complexa e desafiadora missão da carreira, porém a mais honrosa. Foram noites insones sob a constante preocupação de como atuar em uma função que impacta a cultura institucional de nossa Força, ou seja, um graduado como assessor do comandante do Exército.

O azimute sempre foi buscar o entendimento, em todos os níveis, de que atribuir maiores responsabilidades ao sargento é fortalecer a própria instituição, com uma base sólida e eficaz. Quanto melhor for a formação do sargento, mais aprimorado e atrativo for seu plano de carreira, melhores e mais motivados profissionais das armas serão para a manutenção de um componente terrestre moderno, coeso e dotado das capacidades necessárias para cumprir sua missão.









Quando você se recorda da Escola de Sargento das Armas, da sua época de aluno, o que lhe vem à mente?

“

Quando concluí o curso de cabos e ao ser promovido, percebi que o Exército valorizava o esforço e tratava-se de uma instituição que prioriza o mérito. Para um garoto da “roça”, era um mundo de oportunidades que se abria. Percebi, naquele dia, que poderia ser sargento de carreira.

Ao entrar pelo portão das armas da ESA, meu foco sempre foi ser forjado sargento do Exército Brasileiro e servir ao meu país. Utilizo a palavra “forjar” por entender que ser um profissional das armas não é ter “um trabalho, um emprego”. É uma vida de dedicação à Pátria, um sacerdócio. O que me vem à mente, quando me recordo da época de aluno da ESA, é entusiasmo, dedicação e conquista.

”



Na face interna do portão da Escola de Sargentos das Armas, deparamo-nos com a frase “Sargento: liderança conquista-se pelo exemplo”. De acordo com as suas práticas e vivências profissionais, o que seria liderar pelo exemplo?

Liderar pelo exemplo consiste na conquista da confiança, que gera a credibilidade. Isso é o que sustenta a liderança.

Ao sargento cabe conhecer muito bem sua profissão e, sobretudo, seus subordinados. Deve comunicar-se eficazmente e estar sempre pronto para corrigir com sereno rigor, apoiar nas dificuldades, e, não menos importante, emprestar bons exemplos em todas as oportunidades.

Estar próximo ao subordinado é indispensável para a construção de um ambiente favorável ao estímulo da confiança e da motivação. Por suas atitudes e verdadeiro interesse em seus subordinados, o comandante da pequena fração demonstra o valor de cada um para a instituição, obtendo como retorno a motivação de seus comandados nas diversas missões recebidas, resultando sempre em excelente desempenho coletivo.



A ESA, ou Escola Sargento Max Wolf Filho, procura traduzir, na figura do herói da FEB, o perfil do líder que pretende formar. A seu ver, por que o sargento Max Wolf Filho é uma referência de atitudes e valores para os líderes militares?

O sargento Max Wolf Filho personifica o amor e o comprometimento incondicional à Pátria, que se caracterizam pela vontade inabalável de cumprir o dever militar, mesmo que isso signifique o sacrifício da própria vida.

Para o desenvolvimento das capacidades que transformam homens “comuns” em profissionais prontos para garantir a soberania nacional, é necessário ter, antes de tudo, vocação, abnegação e coragem. Essas atitudes e valores são o legado deixado pelo sargento Max Wolf Filho.

Nesse sentido, a formação dos graduados do Exército Brasileiro é espartana, e assim continuará sendo, priorizando a preparação para o combate.





Você se recorda de alguma situação específica em que aprendeu uma lição inesquecível de liderança conquistada pelo exemplo?



Presenciei inúmeras situações que reforçam, a meu ver, que a conquista da liderança pelo exemplo é construída nos detalhes, incluindo as rotinas diárias. Somos levados a pensar que a conquista da liderança está restrita a atos de bravura, nos combates ou operações reais.

Gostaria de registrar, aqui, as inesquecíveis lições de liderança que tive e os respectivos líderes, mas certamente seria traído pela memória. Como forma de agradecer a todos, cito dois brilhantes soldados, sucessores de Caxias, como exemplos de lições diárias de conquista da liderança pelo exemplo, o Gen Ex Leal Pujol e o Gen Ex Paulo Sérgio, comandantes do Exército com os quais tive a honra de ser adjunto de comando.

A liderança conquistada pelo exemplo tem íntima relação com o aprimoramento das relações interpessoais na caserna, em que algumas rotinas são o azimute para o sucesso, e não há Exército contemporâneo que possa se desfazer delas.

Chamar seu subordinado pelo nome, saber onde mora, conhecer e se interessar por seus familiares, as conversas nas formaturas matinais, o treinamento físico militar por fração constituída, a manutenção do armamento junto com sua fração e as confraternizações são algumas das oportunidades de que o sargento precisa valer-se para estar mais próximo ao subordinado. É preciso tratar, sempre, seu subordinado como um membro de sua família.

Quando realmente o conhecemos e identificamos suas qualidades, fica muito mais fácil atribuir responsabilidades. E é uma excelente oportunidade para gerenciar e desenvolver o potencial do militar. Permitir ao subordinado que tome decisões, que tenha iniciativa nos limites da intenção de seu comandante, é uma ação que valoriza o profissional e constrói sólidos laços de confiança. Dar autonomia para o subordinado é proporcionar a maturação da tríade “CONFIANÇA, CREDIBILIDADE, LIDERANÇA”.







Nos dias atuais, quais seriam os principais desafios relacionados à liderança enfrentados pelos líderes de pequenas frações?

Em face dos desafios dos dias atuais, da chamada Era do Conhecimento, a atuação do sargento deve ser pautada no pleno entendimento do paradoxo dos equilíbrios que envolvem o combate convencional e as novas demandas, a tecnologia e o fator humano, a tradição e a inovação. Os desafios são novos, mas os valores e as tradições do nosso Exército são os mesmos.

É essencial que o sargento tenha iniciativa, que conheça, controle, prepare e apreste muito bem os militares sob seu comando. Sua capacitação técnica aliada ao entusiasmo pela profissão militar é a sinergia perfeita para termos uma nova Força Terrestre para o mesmo Exército.



Sobre valores, honra e ética militar o senhor percebe nas gerações mais novas algum tipo de “crise moral”, que pode ser suprida pela relevância do estudo e da prática da liderança e dos valores militares na constituição do caráter militar nas escolas de formação?

Como primeiro-sargento, tive a oportunidade de ser monitor da formação básica da ESA. Posso afirmar que os sargentos das gerações atuais são muito mais bem formados do que os da minha geração. Estou me referindo à parte técnica, pois a formação atual tem duração de 2 anos, e as mais antigas, nas quais me incluo, eram formados em 10 meses.

“

Não percebo “crise moral” nas gerações mais novas. Entendo que toda conduta deva estar alicerçada nos Valores, nas Tradições e na Ética Militar. Cultuar as tradições da instituição é dar continuidade ao legado herdado de nossos antepassados e honrar o compromisso assumido de entregá-lo às novas gerações. Afinal, a palavra tradição, do latim *traditio*, significa “entregar, passar adiante”.

Dessa forma, entendo que a tutela e o constante vigiar junto aos sargentos recém-egressos das escolas de formação cessam no dia da formatura, simbolizada pela saída pelo portão das armas. Cabe aos graduados mais antigos, porém, ao receberem as novas gerações nos corpos de tropa, suprirem, por meio do exemplo, a prática da liderança, fortalecendo, sempre, a hierarquia, a disciplina e o culto aos valores e às tradições do Exército.

”



De que maneiras o exemplo do sargento Max Wolf Filho pode inspirar os sargentos do século XXI a enfrentarem suas batalhas cotidianas?

A coragem foi a marca do Sgt Max Wof Filho e certamente é o que inspira os sargentos do século XXI ao cumprimento da missão, enfrentando os desafios e as batalhas cotidianas com confiança, e não se preocupando com os riscos.

A firmeza de espírito do sargento Max Wolf Filho, demonstrada na Segunda Guerra Mundial, materializa a importância dos líderes de pequenas frações no preparo e emprego da tropa, assim como na evolução dos combates e na ligação entre o passado e o presente do invicto Exército de Caxias.







Se pudesse escolher uma palavra para qualificar o sargento Max Wolf Filho, qual seria? Por quê?

EXEMPLO!

Há várias maneiras de praticar a liderança, mas só tem uma que funciona, que é o exemplo.

